



## O GÊNERO NA DIMENSÃO DO TRABALHO E DOS SABERES

Priscila Freire Rodrigues

### *Introdução*

As práticas sócio-culturais para além de expressões de uma determinada população compreendem modos de existir. No manejo da natureza, a partir de práticas percebidas no viver cotidiano é possível perceber formas de uma organização determinada pela necessidade e também pela perspectiva de usufruto dos recursos naturais de maneira sustentável. O sentido de sustentável analisado no contexto das ações práticas da vida revela que para além de formas de usos da natureza este está em relação a papéis sociais diferenciados no âmbito doméstico. Assim, o presente trabalho realiza uma análise da participação da mulher nas relações de gênero no âmbito do trabalho no que tange especificamente o seu papel no manejo de plantas medicinais como uma atividade do contexto da casa ou do doméstico.

Este contexto representa um momento significativo na atribuição de papéis sociais de gênero no âmbito da divisão social do trabalho pautado na divisão sexual. Nele é estabelecida uma relação de poder multifacetada que se manifesta em diferentes aspectos que se por um lado ainda reafirma o subalterno, como o mais simples no trabalho feminino, por outro lado os mesmos aspectos de sentido negativos podem ser revistos em face do reconhecimento de um saber. O domínio no conhecimento de plantas medicinais pode revelar mais que uma prática cultural predominante entre as mulheres, posto que, em tal prática, o conhecimento sempre é revertido de determinada autoridade. Por esta perspectiva se desvela, pois, um aspecto em que o trabalho de mulheres no contexto da casa ou do doméstico é revestido por relações de poder.

### *Trabalho, espaço doméstico e gênero*

As interfaces de gênero na sociedade ganharam o espaço público em muitos aspectos. A visibilidade das desigualdades em diferentes âmbitos constitui hoje uma realidade inegável. Contudo, ainda não se superou a desigualdade e nem os diversos modos de violência pelos os quais as mulheres estão sujeitas no dia-a-dia, principalmente nas dimensões do mundo do trabalho.

Hildete de Melo e Franklin Serrano (1997) analisam criticamente como abordagens da teoria econômica contemporânea tentaram incorporar a questão do trabalho doméstico, tanto pelas abordagens de perspectivas marxistas quanto neoclássicas. As abordagens oriundas da economia a exemplo da clássico-marxista e neoclássica se mostraram insuficientes para compreender a



atividade das mulheres na medida em que centradas para as questões capitalistas do mundo não se aplicam a fazer compreender a mulher no âmbito da família, do trabalho doméstico e na questão reprodutiva.

A questão das tarefas domésticas que implicam em um não objeto de troca foi abordada pelas feministas marxistas como a construção de uma imagem que considera a mulher inferior. Mas, de acordo com os autores, falta a essa perspectiva feminista, bem como em outras, um estudo mais completo que trate as questões chamadas de tarefas tipicamente femininas. Ressaltam que as teses de Marx influenciaram muitas pesquisas sobre a questão da subordinação feminina quanto à questão da produção, no entanto, sem analisar a questão do papel reprodutivo. Neste sentido, tanto a corrente clássica (Smith) quanto à marxista não empregaram um conceito mais amplo de trabalho que fizesse a integração entre trabalho produtivo e reprodutivo, e sendo assim, obscureceram as relações de gênero.

Na tradição neoclássica, o mercado é o lócus onde agentes econômicos como donas de casa e empresários se inserem com o fim de comprar e vender mercadorias, de maneira racional e autônoma. Nesta corrente se distingue o trabalho da mulher na produção dos serviços domésticos no seio da família e não como objeto de troca, contudo não atingem as relações de gênero. Na corrente neoclássica a organização familiar é focalizada, mas não se atenta para os conflitos e tensões reais no seu âmbito e do próprio trabalho. Ressaltam os autores é preciso apreender de fato sobre a esfera do privado, compreender sobre a relação mulher/trabalho.

No âmbito público, por exemplo, a mulher não foi colocada no mercado apenas na condição de força de trabalho, mas também na de mulher estigmatizada e vítima de preconceitos e, bem como, de relações certamente exploradoras na esfera privada. É necessário que se façam estudos mais abrangentes, através de instrumentos que possam privilegiar padrões culturais, estratégias de discriminação, enfim, possibilitem um melhor entendimento da relação mulher/trabalho, na medida em que se torna precípuo apreender sobre o espaço privado contextualizando-o no tempo e no espaço.

A maior evidência de participação feminina no contexto da casa e do doméstico exige cada vez mais a uma compreensão aprofundada do por que das relações de gênero marcar tão arraigadamente papéis sociais em face de novas transformações sociais e mudanças culturais. No que tange ainda o espaço privado, na perspectiva do feminismo socialista, duas correntes de análise colocam em discussão um ponto tenso sobre as relações de gênero. Como explica Eggert (2003), para algumas socialistas a originalidade do trabalho doméstico seria o de não-alienante, “já que as



mulheres produzem nesses espaços e, ao produzirem, possibilitam relações subjetivas”; na outra visão há uma grande divergência, apontando “que as mulheres não tem a possibilidade do trabalho coletivo e da visualização (reconhecimento) do produto do seu trabalho”.

São correntes de análise muito interessante, mas sem almejar dar conta dessa discussão, que nesse trabalho não caberia, interessa nesse diálogo que questões perceptíveis no cotidiano representam possibilidades concretas de se reconstruir a experiência das mulheres em sociedade, e de buscar compreender cada vez mais como os espaços públicos ainda são reflexos dos espaços privados.

Um das razões é devido o contexto do doméstico ser fortemente arraigado em um ideal patriarcalista de formação familiar que transcende para o espaço público. No âmbito do trabalho, no que tange especificamente a participação da mulher no manejo de plantas medicinais como uma atividade do contexto da casa ou do doméstico é possível ressaltar novamente o foco dos papéis informais e perceber outras interfaces de gênero.

#### *Do uso de plantas medicinais e o papel feminino*

De acordo com Costa (2005, p. 26), gênero é “uma categoria social produzida culturalmente, no decorrer dos relacionamentos e processos sociais, face às estruturas de poder que proíbem, omitem ou permitem determinadas formas de atuação e expressão”. No Brasil constitui uma categoria de análise que só no final dos anos 1980 ganha maior expressão nos trabalhos feministas.

Considerando que cada sociedade apresenta seu próprio modo de como se relacionar com o meio – o que orienta uma rede de relações sociais específica com suas características próprias, também muda, se transformam e transformam a dinâmica cultural. No contexto da casa e do doméstico o uso e manejo de plantas medicinais é algo comum entre mulheres e homens, mas é predominante entre as mulheres. Essa observação está relacionada com a percepção diferenciada dos papéis sociais da divisão social do trabalho pautado na divisão sexual. Nela, a mulher por estar obrigada ao cuidado dos filhos tem por extensão a preocupação maior em saber dos usos de plantas medicinais, porque esta prática está diretamente ligada ao sentimento de zelo pela saúde/bem estar da família. O manejo de plantas medicinais comumente ocorre em sistemas de cultivos em quintais, por isso faz parte do espaço do trabalho no contexto doméstico. E assim como o cuidado dos filhos não é visto como trabalho, o manejo de plantas medicinais no contexto doméstico também não. Isto é observado na compreensão que mulheres e homens tem que reforça os estereótipos das obrigações de gênero no âmbito doméstico.



Aqui se tem a tentativa de demonstrar como estão relacionados e se tornam interdependentes no contexto da casa ou do doméstico a questão do trabalho tido como feminino e a questão do papel reprodutivo, isto é, a integração entre trabalho produtivo e reprodutivo. Na esfera de muitas interfaces que é o privado, apenas se delinea uma perspectiva possível de análise através de uma prática cotidiana na região amazônica, o de uso e manejo de plantas medicinais.

### *A dimensão do gênero no conhecimento de plantas medicinais*

Em localidades distintas no Estado do Amazonas, em momentos diferentes de pesquisa sobre o conhecimento de plantas medicinais se observou que a percepção de mulheres e homens marca aspectos diferenciados nas relações de gênero. “Trata-se da forma como cada cultura lida com as diferenças entre os sexos, alocando a cada um deles determinados atributos e à maneira como estes atributos são valorados socialmente” (GONÇALVES, 1998 p. 51). Pode-se afirmar, de maneira predominante, para os homens tal conhecimento é uma questão que previne o próprio bem-estar. Já para as mulheres é ter o domínio do conhecimento de usos e formas de uso de plantas medicinais ligado primordialmente para o cuidado com os filhos, posto que, este representa o principal motivo para ter aprendido com a mãe, a avó, a tia, a vizinha. Revela-se aí o que designamos como *herança de saber*, e de maneira observável ocorre sua transmissão predominantemente pelas mulheres seja na família, com vizinhas, com conhecidas...

Como verificamos nas seguintes falas<sup>1</sup> dos homens, o aspecto da preocupação com os filhos ou família ou o que estaria no contexto doméstico está distanciado:

*“Porque se socorre nas plantas se não tem medicamento”* (Zedequias, 53, Tupi I/SPO<sup>2</sup>, set;out, 2007).

*“Porque às vezes não gasta dinheiro”* (Nilsomar, 53, Tupi I/SPO, set;out, 2007).

*Porque a gente encontra tanta pessoa que ajuda e trocam os remédios pelos remédios de plantas* (Francisco, 65, Nova Canaã/Manaus<sup>3</sup>, out. 2006).

Contudo, não se pode afirmar como totalmente ausente, como se atesta ainda na fala do Sr.

Francisco:

---

<sup>1</sup> As falas foram parte de diferentes pesquisas de campo e em momentos distintos, nelas se tinha como um dos principais objetivos o conhecimento tradicional de plantas medicinais. Mas diante dos aspectos diferenciados entre as falas de mulheres e homens em relação a esse saber, notou-se aí uma característica importante na dimensão do gênero. Diante disso, busquei explorar os dados a partir da perspectiva de gênero tendo em vista que no contexto das realidades amazônicas o gênero é um conceito em face de muitos desafios teóricos e socioculturais.

<sup>2</sup> Tupi I, área rural do município de São Paulo de Olivença (SPO), no Estado do Amazonas.

<sup>3</sup> Nova Canaã, área de assentamento rural, estrada Manaus – Presidente Figueiredo (ramal FZI, estrada vicinal do Distrito da Agropecuária que liga a Rodovia BR 174 no Km 41 e a Rodovia AM 010 no Km 54), no Estado do Amazonas.



*“Ensino esse meu filho, pra não se perder esse conhecimento”* (Francisco, 65, Nova Canaã/ Manaus, out. 2006).

O contexto da casa ou do doméstico é predominante nas falas das mulheres:

*“Aprendi com minha mãe. Ela faz o chá, assim, o remédio caseiro. Aprendi pros filhos e faço”* (Maria de Fátima, 23, São João/ATN<sup>4</sup>, set;out, 2007).

*“Depois que construí família, tive minhas filhas, fui aprendendo com os adultos, as mais velhas”* (Vanda Tananta, 48, Tupi I/SPO, set;out, 2007).

*“Aprendi com as senhoras mais velhinhas, que sabem mais, né. E é bom saber pra família da gente, né”* (D. Donda, Jandira/ Iranduba<sup>5</sup>, fev. 2007).

Segundo Carson (1995), a questão da maternidade, do matrimônio e do trabalho são eixos pelos quais se define a identidade de gênero feminina. A construção desta identidade é fundamentalmente simbólica, em que a presença daqueles três eixos está sempre de forma a orientar, a designar o que é próprio do ser mulher. É um processo permanente e contínuo; as mulheres sofrem readaptações, recompondo-se ou modificando-se sobre os eixos, em um plano tenso. O autor observa ainda que as diferentes formas de construção de identidade de gênero feminino passa pela questão de que o corpo da mulher é para outros, e ser de outros significa situação de submissão.

É importante ressaltar que gênero, como categoria de análise, surge para se pensar a sua importância, sua contribuição e limitações nos estudos sobre mulheres. Essa perspectiva possibilita assim, que ao observar sobre o manejo de plantas medicinais como parte do trabalho no contexto da casa ou do doméstico é visto como papel feminino e, conseqüentemente apresenta a marca da submissão.

O que interessa reter nessa perspectiva é em que sentido é possível observar que a não valorização do domínio predominante de mulheres no uso e manejo de plantas medicinais como parte do trabalho doméstico pode, por outro aspecto, ser valorizado enquanto reconhecimento e autoridade. De maneira ainda que se encontre numa relação de poder que ultrapassa o âmbito privado por ser cada vez mais visibilizado.

Não é uma observação simples em face do complexo direito doméstico. Uma das formas do direito que Santos (2002, p. 292) descreve como o direito do espaço doméstico, desigual por estar assentado na base patriarcal. Essa desigualdade sedimentada em padrões normativos reforça e busca a manutenção das diferenças entre os membros no ambiente doméstico. No direito doméstico é

---

<sup>4</sup> São João, área rural do município de Atalaia do Norte (ATN), no Estado do Amazonas na fronteira com o município de Islândia, Peru.

<sup>5</sup> Jandira, área rural do município de Irandura, no Estado do Amazonas.



característico como dominantes e que se interpenetram a retórica e a violência, presentes em decisões unilaterais, daí mais comumente se afirma as mulheres sempre subalternas no trabalho por estar no contexto da casa ou do doméstico.

As mudanças no mundo privado ainda sob o desígnio do direito desigual compreendem as práticas de saberes no contexto do doméstico não valorado por ser ainda um domínio feminino. Quando se observa como domínio masculino o conhecimento de plantas medicinais quanto a seus usos e formas de uso é por está composto no âmbito público, pois, são homens curandeiros, benzedores com reconhecimento externo. Nesse sentido, pensar o gênero na prática dos saberes e na dimensão do trabalho doméstico, não somente enquanto estratégia de vida, e no sentido prático do viver cotidiano, revela também uma visão de mundo que comporta aspectos materiais e simbólicos da vida social contemporânea.

O aspecto positivo no manejo de plantas medicinais por mulheres, entre outros, está no fato de que nesse saber elas tem mais conhecimento sobre o corpo, mais contato com o corpo no caso de parteiras, por exemplo. É nessa dimensão em que há reconhecimento e autoridade, contudo, por estar no contexto do privado é revestido de subalternidade.

O modo como é possível observar que o papel feminino ganha expressão que nega esse aspecto de submissão no contexto do doméstico é o de existir uma dimensão de dominação feminina. A partir do conhecimento de usos e manejos de plantas medicinais em que se revela o domínio pelo próprio corpo pode-se perceber aí a expressão material, mesmo que ainda sob a sombra da força do simbólico mantida pela desigualdade no contexto do direito doméstico.

Portanto, as mudanças para superar a imagem que faz da mulher inferior e desvalorizada, principalmente no âmbito privado, passa necessariamente pela exigência de uma nova visão cultural. Esta deve ser transformada, modificada, e desta forma a possibilidade de se avançar no reconhecimento da atuação feminina em quaisquer dos âmbitos sociais, bem como, no dialético progresso da cultura com a natureza.

### *Considerações reflexivas*

A Amazônia vista como um todo homogêneo foi privilegiada pelos interesses econômicos por sua biodiversidade, de modo que a floresta sempre foi o foco principal da exploração capitalista.



Mas, do mesmo modo houve a exploração de mulheres e homens que pouquíssimo foram considerados e menos ainda as mulheres, que por sua vez, foram ignoradas.

As maneiras mais recentes de se conceber a natureza e as relações entre as pessoas e das pessoas com as coisas, sugerem abordagens de conhecimento que crescentemente colocam em cheque explicações totalizadoras e universais. Nessa perspectiva que crescentemente se busca análises que incorporam uma cultura de gênero. O que aqui se apreende por uma cultura de gênero diz respeito ao que em uma dada sociedade se atribui como especificidades de papéis sociais do feminino e do masculino, estes influenciam na maneira como novas (ou não tão novas) questões estarão sendo postas na dinamicidade cultural.

A intenção de uma análise que aproxime abordagens de gênero e Amazônia passa por uma ampla discussão, onde se pode ressaltar ainda uma questão sociológica a ser pensada nas dimensões do mundo privado, quanto as interações entre trabalho, o contexto doméstico e o domínio específico de um saber. Mesmo como ainda uma análise preliminar de observação, pode-se afirmar que não apenas um conjunto de categorias deve ser analisado junto às relações de gênero, mas primordialmente buscar compreendê-los em maior profundidade sociológica de como estão interagindo.

Explorar cada vez mais a esfera do cotidiano para explicitar as categorias do masculino e do feminino, é se deparar também com múltiplas relações de poder em desenvolvimento. No caso do conhecimento de plantas medicinais observado pela ótica do gênero foi possível perceber que o contexto da casa ou do doméstico encerra muitas facetas da dominação e autoridade entre as relações de mulheres e homens. E as mulheres ainda agregam mais responsabilidades, principalmente porque os aspectos do trabalho no âmbito doméstico estão fortemente relacionados com o peso da família. O contexto da casa e do doméstico demonstra uma manutenção assentada sob um direito que é desigual, e o marca sobre as relações de gênero. Contudo, no mesmo espaço privado no qual tais relações tendem a permanecer como tal, o mesmo contexto que marca uma subalternidade feminina pode ser revisto pela herança de saber que mulheres dinamizam e na qual revelam seu domínio e sua autoridade. O domínio que se revela no conhecimento de plantas medicinais reflete em uma autoridade para lidar com o corpo, tratar dos males físicos e espirituais, e na reprodução desse saber como um trabalho feminino.

Certamente seria preciso ainda aprofundar na compreensão dessas facetas, bem como, evidenciar uma relação entre a vida privada e a vida pública, evitando o binômio dominação/subordinação como terreno único de confronto. Mas, mesmo não superando essa



perspectiva, um ponto a ser problematizado espera-se ter sido traçado, o de que no âmbito do privado, o trabalho doméstico além de diverso pode ser representativo de uma dimensão maior, qual seja, a do saber e conhecimento femininos.

### *Referências*

- AMOROSO, M. C. M; GÉLY, A. L. *Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas*, PA, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica. 4(1), 1998, p. 47-131.
- CARSON, Alejandro C. "Entrelaçando Consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher". In: *CADERNOS PAGU: fazendo história das mulheres*. (4) São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, 1995. pp. 187 a 218.
- COSTA, Heloisa Lara C. da. *As Mulheres e o Poder*. Manaus: EDUA, 2005.
- EGGERT, Edla. *O feminismo ou Os Feminismos: Uma leitura das produções teóricas*. Cadernos IHU Ideias. Ano 1 - nº 02 – 2003.
- GONÇALVES, Eliane. "Pensando Gênero como Categoria de Análise". In ROCHA, Maria J. P. [et all]. *Estudos de Gênero*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, Programa Interdisciplinar da Mulher, 1998.
- MATOS, Maria Izilda S. de. "Imagens Perdidas das Amazonas: conquista e gênero". In: HOLANDA, Heloisa Buarque; CAPELETO, Maria Helena Rolim (orgs). *Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas*. Rio de Janeiro: Edusp, 1999.
- MELO, Hildete de e SERRANO, Franklin. In: AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. V 1. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.